

ESCUTANDO CRIANÇAS LENDO LIVROS-IMAGEM

relato de uma experiência de mediação de leitura



Escutando crianças lendo livros-imagens:
Relato de uma experiência de mediação de leitura

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu O Livro para Infância: texto, imagens e materialidades.

A Casa Tombada – São Paulo - 2020

Isabelle Benard

Orientação: Profa. Ms Camila Feltre

RESUMO: Este artigo relata a experiência de mediação e escuta de crianças durante a pesquisa de conclusão do curso da Pós “O livro para a infância: texto, imagens e materialidades”. Realizei cinco encontros, entrevistas, com quatro crianças de cinco, seis e oito anos e um com uma adolescente de 14 anos. Minha pesquisa foi motivada pelas seguintes questões: Como as crianças leem livros-imagens? Elas constroem uma narrativa? Elas elaboram uma narrativa a partir das imagens? Elas gostam da experiência? Elas estranham? Elas tem dificuldade ou facilidade para fazer esta leitura? Elas costumam ler livros imagens? Elas sentem falta das palavras? Escolhi observação direta e escuta como metodologia para alcançar meu objetivo. Minha intenção era procurar desvendar como as crianças desfrutam de uma experiência estética e como realizam este tipo de leitura e para isso me apoiei nas autoras Angela Lago e Suzy Lee, que trabalham com criação de livros-imagem, e nas pesquisadoras e professoras Hanna Araújo e Camila Feltre que estudam mediação de leitura com crianças.

Palavras-chave: mediação de leitura, livro-imagem, escuta, infância, leitura, leitura-visual, experiência estética.

ABSTARCT: This article reports the experience of mediation and listening to children that was done along the research for the course "Childhood Book: text, images and materialities". I held five meetings which included interviews, with four children aged five, six and eight and a 14-year-old teenager. My research was motivated by the following questions: How do children read picture books? Do they build a narrative? Do they elaborate a narrative based on images? Do they like the experience? Do they find the experience strange? Do they have difficulty or not in reading this kind of books? Do they usually read picture books? Do they miss having the words? To achieve my goal, I chose direct observation and listening as methodology. My intention was to try to discover how children enjoy an aesthetic experience and how they carry out this type of reading. For that, I relied on the authors Angela Lago and Suzy Lee, who work with the creation of image books and on the researchers and teachers Hanna Araújo and Camila Feltre that deal with reading mediation with children.

Keywords: reading mediation, image book, listening, childhood, reading, visual-reading, aesthetic experience.

Sem uma narrativa, a vida não faz sentido. Sem sentido, não há finalidade para a aprendizagem.

Sem uma finalidade, as escolas tornam-se casas de correção, não de atenção.

Jean-Jacques Wunenburger

1 MEMÓRIAS DE INFÂNCIA & MEMÓRIAS VISUAIS

Ao pensar sobre por que e para quem contar histórias, Angela relembra a primeira vez em que viu o céu a noite, entre os quatros e cincos anos de idade: “Parece-me que tudo o que eu escrever ou desenhar se remeterá sempre, de alguma maneira, a esta experiência: vi um céu cheio de estrelas.

Angela Lago

As memórias de infância são fundantes, deixam marcas profundas e indeléveis, e minhas memórias de infância são essencialmente visuais. Há um episódio na minha infância que marca uma quebra: a mudança para São Paulo. Nasci no Rio de Janeiro e nos mudamos para cidade de São Paulo em 1971, quando completei nove anos. Este deslocamento promoveu um distanciamento em relação a minha própria vida. Vivi a experiência de comparar o antes e o depois de uma maneira muito marcante. Fizemos a viagem do Rio para São Paulo de avião. Olhando pela janela do avião quando ele se aproximava da chegada, via ruas de terras, casas e muito mato. Quando desembarcamos, me prendeu a atenção o desenho em preto e branco estilizado do chão do aeroporto de São Paulo. Estas são duas imagens fortes em minha memória. São elas que me veem à mente com nitidez quando relembro este momento de minha vida.

Tinha uma coleção de revistas francesas que meu pai trazia do escritório onde trabalhava. Eram revistas em papel couché¹ com muitas ilustrações, com imagens de ótima qualidade, o que era uma raridade naquela época. As imagens eram coloridas, havia muitas fotos, desenhos, pinturas, reproduções de obras de arte. Era uma revista de variedade. Guardava-as no meu armário e de vez em quando ficava folheando as páginas. Queria levá-las comigo na mudança e não me foi permitido. Recortei todas as imagens das revistas e coloquei-as numa pasta que tenho até hoje comigo. Por muitos anos esta pasta era um dos meus tesouros.

Minha mãe era professora primária e também nutria muito interesse por arte. Em casa, tinha acesso a livros de arte cuja brincadeira de ficar olhando os livros com as biografias dos artistas e reproduções de obras de arte me agradava muitíssimo. Tínhamos uma enciclopédia e eu adorava olhar as ilustrações para, em seguida, ler o texto. As imagens guiavam minha “pesquisa”.

A partir da adolescência comecei a me interessar por desenho e sonhava me tornar uma grande desenhista. Queria que ser conhecida pelos desenhos que fazia. Ao prestar o vestibular tinha quatro opções em mente: artes plásticas, história, literatura e psicologia. Finalmente optei por artes plásticas. Foi uma opção intuitiva.

Os livros eram para mim o mesmo que a internet é hoje para as crianças: um mundo fascinante de descobertas, novidades, uma abertura para o mundo, mergulho em histórias e fantasias. Ler, sempre foi para mim uma grande viagem que promove experiências riquíssimas. Encontro os livros em todos os momentos da vida, eles preenchem nosso vazio

¹O papel couché é um papel offset recoberto com um revestimento composto por carbono de cálcio, caulín, látex, entre outros aditivos, com a finalidade de proteger as fibras e deixá-lo mais liso e absorvendo menos tinta. Com isso, a impressão fica superficial e mais brilhante, tornando os impressos mais vistosos.

existencial com histórias alegres, engraçadas, triste, trágicas, de suspense, de terror, românticas ...

Durante o curso de especialização “O Livro para a Infância: Processos de Criação, Circulação e Mediação Contemporâneos”, revivi um interesse antigo, que estava adormecido há muitos anos, em relação aos livros para crianças. Ao longo do curso algumas perguntas me inquietaram, incômodos que partem da minha experiência de arte educadora, arte terapeuta e de quem também está criando livros-imagens: Como as crianças leem um livro imagem? Elas constroem uma narrativa a partir das imagens? Eles gostam da experiência? Elas estranham? Elas tem dificuldade ou facilidade para fazer esta leitura? Elas se sentem felizes? Elas costumam ler livros imagens? Elas sentem falta das palavras?

Foram estas as perguntas que me motivaram a fazer esta pesquisa. Ao longo deste processo entrevistei quatro crianças e uma adolescente. Para as crianças e seus familiares a existência de livros-imagens como um categoria dentro da literatura para crianças e como uma proposta de linguagem artística era uma novidade, e para mim também.

No curso eu descobri que havia uma modalidade de pesquisa voltada para livros-imagens, e que muitas destas pesquisas eram realizadas por artistas plásticos, eu me identifiquei e fiquei motivada a fazer esta pesquisa.

2 O LIVRO-IMAGEM²

Livros são papéis pintados com tinta, escreveu Fernando Pessoa, em Liberdade

Odilon Moraes

Estas lembranças da infância e minha paixão por pinturas, desenhos, gravuras, etc, estão na origem do meu interesse por livros-imagens, por narrativas essencialmente visuais.

Observando as crianças em contato com os livros, percebi que não estamos familiarizados com os livros-imagens que são o foco desta pesquisa. As crianças e os familiares que entrevistei durante a pesquisa para este trabalho desconheciam a existência de livros sem palavras como uma categoria.

A autora brasileira Angela Lago, pesquisadora e criadora de livros-imagens como “Cântico dos Cânticos”, define o livro-imagem como sendo um livro onde a imagem tem uma função narrativa. Em uma entrevista no livro “Traço e Prosa”, ela comenta sobre seu livro:

Ele não é a ilustração de um texto. Cântico dos Cânticos é um livro muito aberto, sobre encontro e desencontro. E sobre o eterno retorno. O meu livro tem a questão da sequência que, para mim, é muito importante: a virada de página. Porque é leitura de uma página depois da outra ... (LAGO, 2012, p. 228).

² Optei pelo termo “livro-imagem” e não “livro de imagem”, que também pode ser encontrado, por me apoiar no trabalho da autora Suzy Lee que utiliza o termo desta forma em seu livro “A trilogia da Margem: O Livro Imagem segundo Suzy Lee”.

A autora nos traz o lugar da imagem com função narrativa e não como algo que deve apoiar ou sustentar o texto. Traz também a questão da virada de página, onde a sequência da história acontece, e que este movimento se assemelha à montagem cinematográfica, à sequência de imagens que encadeadas e projetadas se tornam um filme, “mas tem de haver alguma coisa que só pode acontecer no livro” (LAGO, 2012, p. 228). Assim, Lago considera a transparência da página, a gramatura, os diferentes tipos de papéis, os furos como recurso que fazem parte da narrativa, trazendo a consciência para o objeto livro.

A pesquisadora e autora coreana Suzy Lee também experimentou nos seus livros a sequência narrativa pelas imagens. Na trilogia: “Espelho”, “Onda” e “Sombra”, ela aprofunda sua pesquisa visual para narrar histórias por imagens e explorando criativamente e visualmente a presença da dobra central da encadernação que se visualiza quando as páginas estão abertas. Ela explora de forma inovadora esta quebra visual colocando-a dentro do livro, como um elemento importante da dinâmica narrativa.

Em seu livro teórico “A Trilogia da Margem, o Livro-imagem segundo Suzy Lee”, a autora narra a sua pesquisa sobre o processo de criação e nos conta que algumas das histórias nasceram no formato de imagens visuais e que não havia necessidade de acrescentar palavras à história. Para Suzy Lee há livros que já nascem livros-imagens.

É comum ficarmos um pouco desconcertados ao nos deparar pela primeira vez com livros sem palavras. Estamos tão acostumados a associar livros com texto escrito que estranhemos, pois diante desta novidade o nosso modo de desfrutar o livro precisará mudar. Segundo a autora Suzy Lee este tipo de livro exige uma participação mais ativa dos leitores. Ela nos oferece algumas dicas: “Cabe ao leitor levar adiante as deixas que o livro-imagem tem a oferecer. Valer-se comodamente da

ambiguidade, fazer perguntas e aceitar as respostas inteiramente como suas poderiam ser algumas das maneiras de desfrutar do livro-imagem". (LEE, 2012, p. 150).

E completa: "Os livros ilustrados são ferramentas para brincar [...]" (LEE, 2012, p. 150), "É como decifrar um enigma" [...](LEE, 2012, p. 150), "É importante sempre explorar e ampliar o curso de nosso pensamento [...]" (LEE, 2012, p. 151). Assim, para Lee "Ler um livro significa entender, interpretar e ir além: reconstruir livremente a história" (LEE, 2012, p. 152).

Podemos concluir que ler livro-imagem é um tipo de leitura que demanda o uso da imaginação para a elaboração de hipóteses prováveis, a confirmação ou não destas hipóteses, e a possibilidade de trilhar caminhos em momentos diferentes de leitura. Demanda agilidade e flexibilidade mentais, o desenvolvimento de um novo raciocínio imagético, a partir das sequências apresentadas numa história narrada visualmente.

A partir de um conceito abrangente de leitura que inclui a leitura visual, a leitura de mundo, a leitura de gestos, além da tradicional leitura de textos, a Professora Doutora Hanna Araujo nos apresenta na sua tese de doutorado³ o procedimento de leitura coletiva durante as aulas com crianças de cinco e seis anos, para investigar os modos como as crianças interpretavam as imagens produzidas pelos artistas de livros. É perceptível o quanto a leitura ganha riqueza de interpretações quando realizada no coletivo. As imagens podem ser apreendidas em sua totalidade por várias pessoas num mesmo tempo. O impacto da imagem desperta no público associações particulares que ao serem expostas no grupo conquistam o apoio ou não dos colegas gerando debates e gerando novas alternativas diferentes. As crianças formavam

³PROCESSO DE CRIAÇÃO E LEITURA DE LIVRO IMAGEM INTERLOCUÇÕES ENTRE ARTISTAS E CRIANÇAS. Na sua pesquisa de doutorado, Hanna Araújo investiga a leitura de imagens realizadas coletivamente por um de grupo de crianças de cinco e seis anos da Creche/Pré-Escola Central da Universidade de São Paulo e a interlocução destas leituras com o processo de criação dos autores: Cíça Fittipaldi e Laurent Cardon.

suas hipóteses narrativas que eram imediatamente confrontadas a outras hipóteses das outras crianças e a mais coerente para o grupo tornava-se a mais aceita. Interpretações se somavam uma as outras traçando caminhos que poderiam ser revistos, contestados ou confirmados na próxima imagem. A surpresa do que viria a ser era um estímulo para a curiosidade das crianças. Este procedimento é especialmente propiciado pelos livros de narrativas visuais, que é estimulado pela mediação da adulto que está em contato com as crianças.

Segundo Araujo,

Este letramento visual é atribuído à capacidade humana de identificar, compreender e interpretar os conteúdos visuais, construindo significados. Se letramento visual é a habilidade de apropriação e interpretação dos bens visuais, o instrumento a partir do qual chega-se a ele é denominado leitura de imagem. (ARAUJO, 2016, p.69)

A partir das reflexões acerca das leituras de livros-imagens, leituras visuais e leituras coletivas, o texto caminha para as experiências do meu contato com as crianças.

3 INVESTIGAÇÕES SOBRE MODOS DE LER

Mas grande parte dos livros que se publicam para crianças nos países desenvolvidos não é literatura. Não incorporam a inovação narrativa, não aceitam individualidades plurais, não trazem histórias escritas com densidade suficiente para oferecer ambiguidades e desafiar decifrações, não são capazes de permitir reapropriações múltiplas por parte do leitor

Ana Maria Machado

Como me interessava investigar as reações individuais de crianças diante dos livros-imagens, optei por criar encontros individuais onde eu poderia observar as crianças em contato com os livros. Assim, conversei com amigos e conhecidos que tinham filhos dentro da faixa etária dos cinco aos sete anos. Me propus a ir até as casas das famílias para que as crianças pudessem ficar bem à vontade.

Para registro do encontro e colher material para a minha pesquisa, solicitei aos pais que me permitissem fazer a filmagem das crianças lendo os livros e obtive permissão de todos. Porém as filmagens que realizei ficaram muito aquém das minhas expectativas. Utilizei uma câmera de celular e não consegui fazer a aproximação que me interessava. As filmagens que eu pensei que me permitiriam rever a reação das crianças aos livros não se efetivou. Eu queria me aproximar mais das crianças, fazer da câmera um segundo olhar. Investigar a leitura individual, esta leitura que é um momento de intimidade e

de introspecção.

Assim, como registro do encontro contei com anotações em um caderno, que fiz logo após cada encontro, expondo dados como nome da criança, idade, ano de estudo, gostos e costumes, para tentar conhecer mais a criança que iria colaborar com a pesquisa.⁴

Para esta pesquisa escolhi inicialmente sete livros e no final acrescentei mais dois. Procurei fazer um lista bem variada, com livros de diferentes formatos, com protagonistas humanos e não humanos, coloridos, preto e branco, pequenos e grandes, e inclui no grupo um livro para adultos, um livro de charges visuais.

Todos os livros escolhidos são obras pelas quais me apaixonei e todos tem um tratamento visual marcante. As qualidades gráficas das imagens e a linguagem plástica escolhida pelos criadores destas obras tornam estes livros verdadeiras obras de arte. A poética das imagens, da narrativa e as técnicas escolhidas pelos autores se fundem numa unidade indissociável. A obra é o resultado de uma fusão de escolhas criativas e sensíveis.

São livros que nos atraem ao primeiro olhar e que ganham profundidade na leitura. Estes livros são janelas abertas para um encontro. Todo livro é um convite a um encontro. Coloquei dois livros diferentes nesta lista. São livros que não entram especificamente dentro da categoria livro-imagem, mas cujas narrativas são visuais e me interessou saber como seria a reação das crianças no contato com estas obras. São eles: "Cómbita" que é uma história em quadrinhos e um livro de charges "Desenhos invisíveis". O livro de charges é composto de pequenas narrativas, algumas com uma imagem só, e as maiores com uma sequência de até quatro imagens. Encontrei com eles durante a minha busca e optei acrescentá-los à

⁴ As anotações encontram-se anexas ao final do texto.

minha lista.

Assim, no encontro com as crianças percebi que a leitura individual, a que acontece entre leitor e livro, pode ser solitária, porém sem solidão. Ou seja, ao observar as crianças lendo os livros vislumbrei momentos diversos. Notei nos rostos das crianças reações de surpresa, alegria, decepção, confusão, alívio, surpresa, braveza; percebi risadas, sorrisos, o franzir das sobrancelhas. Observei também mudanças no ritmo de virada das páginas: hesitação, alguns retornos a página anterior. Estas observações estão registradas em minha memória e me dão elementos para contar sobre a experiência de mediação de leitura.

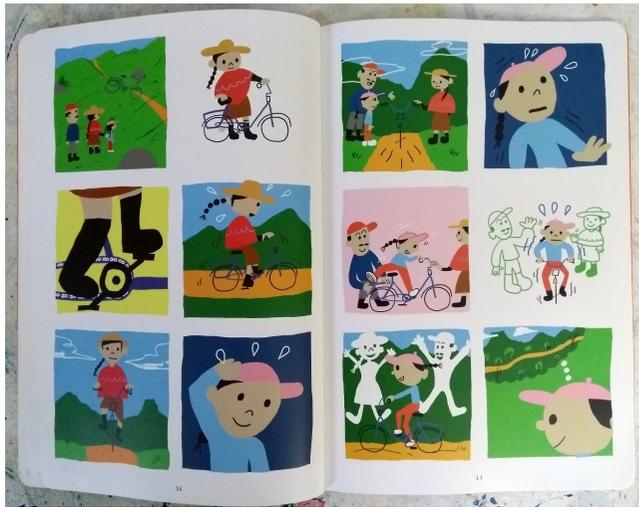
Os livros utilizados na pesquisa:

“BÁRBARO” de Renato Moriconi, editora Companhia das Letrinhas, 2013.



Criado por um autor brasileiro, o livro narra as peripécias de um cavaleiro muito corajoso que enfrenta vários “monstros” ao longo de sua jornada. Um livro que nos convida a reler, procurando reviver o forte impacto que nos proporcionou a primeira leitura.

“Cómbita” de Óscar Pantoja e Jim Pluk, Editores Rey Naranjo, 2019.



É um livro Colombiano no formato de história em quadrinhos para crianças. Cómbita é a protagonista desta história e seu desafio é aprender a andar de bicicleta. A história é longa, com muitas etapas, idas e vindas. Ele é muito colorido e chamou muito a atenção das crianças entrevistadas.

“DOIS PASSARINHOS” de Dipacho – editora Pulo do Gato, 2015.



A história deste livro é surpreendente, trágica e cômica ao mesmo tempo. Acompanhamos uma disputa entre dois pássaros que vivem cada um na sua própria árvore.

“A BUSCA DO CAVALEIRO” de Fernando Vilela, editora Escala Educacional, 2009.



Neste livro o protagonista é um cavaleiro e herói. Ele enfrenta vários perigos em sua jornada. O que também atraiu e despertou meu interesse pelo livro são as imagens criadas com carimbo pelo artista plástico Fernando Vilela. Escolhi este livro por achar que ele seria atraente para os meninos que adoram heróis hiper corajosos e destemidos.

“Lobo Negro” de Antoine Guilloppé, editora Melhoramentos, 2006.



O personagem principal do livro é o lobo, personagem clássico das histórias para crianças e neste livro ele é um ser enigmático. As imagens são em preto e branco com forte contraste, criando um ambiente visualmente tenso e até mesmo assustador.

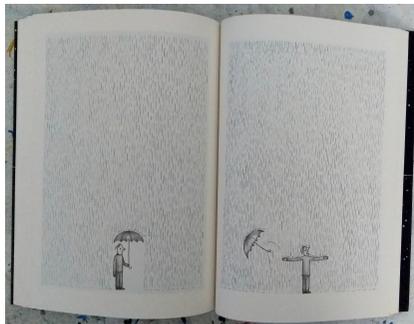
“Onda” de Suzy Lee, editora Companhia das Letrinhas, 2017



É um clássico internacional entre os livros-imagens. A protagonista é uma menina pequena que deve ter por volta de cinco anos. O livro apresenta uma manhã na praia e a grande aventura de desafiar ondas do mar, uma brincadeira de infância também clássica, com um desenho primoroso nas cores preto, branco e azul claro. A primeira edição deste livro foi feita pela editora Cosac Naify.

”

“Desenhos invisíveis” de Troche, Editora Lote 42, 2014.



Este é o livro “adulto” da lista. É um livro de charges visuais, cujas narrativas são curtas, podendo ter de uma a quatro páginas. Os desenhos são delicados e em preto e branco.

“Os Pássaros” de Germano Zúlio e Albertine, editora 34, 2013.



Este livro é uma obra pictórica. A narrativa conta a história de um senhor que aprende a voar com um passarinho. É impossível dar um único sentido a esta obra, é uma obra aberta a diferentes interpretações. Este livro entrou para a lista apenas na última entrevista.

”

“JOÃO E MARIA” de Jacob e Wilhelm Grimm por Taisa Borges, editora Peirópolis, 2006



É um livro de formato grande. Ele chama muito atenção pelas imagens com cores fortes e bastante contrastantes, e pelas várias cenas escuras e sombrias. Conta por imagens uma história que nós conhecemos e recordamos a medida que passamos pelas imagens. Este livro também entrou para a lista apenas na última entrevista.

4 MEDIAÇÃO DE LEITURA: OBSERVAÇÃO E ESCUTA

O objetivo principal do mediador é criar situações que aproximam as crianças do universo poético das histórias e da arte, contemplando as diferentes possibilidades de expressão e relação.

Hanna Araujo

Eu me encontrei uma única vez com cada uma das crianças durante a pesquisa. Os encontros duraram uma média de vinte a trinta minutos. As crianças são todas de famílias de classe média, média-baixa e média-média. Meu contato com elas foi através dos pais, que fazem parte do meu universo de contato pessoal. Para estas crianças e a adolescente, que também fez parte da pesquisa, o livro é um objeto comum, quero dizer com isso que todas elas tem contato com livros em seu cotidiano. Para elas e seus familiares a existência de uma categoria de livro-imagem era novidade, e ao apresentar vários livros com esta característica acredito ter reforçado este conceito novo de literatura para nós. Durante as entrevista, ouvi com frequência a observação e com surpresa no tom da fala: “Ah! o livro não tem texto!” E também: “O livro não tem palavra!”

Trata-se e uma experiência nova para nós. Eu, a adulta que se aproxima das crianças, tenho o papel de lhes apresentar livros e as convidar a fruir, apreciar, ler, e que as observa delicadamente e atentamente; que quer ouvi-las narrar a sua leitura. Podemos imaginar que a minha presença valoriza a leitura, a torna merecedora de cuidado e atenção. As crianças se mostraram muito tranquilas durante as entrevistas. Suponho que estão habituadas a ter adultos ao seu lado durante as

suas atividades.

A mediação, o como eu iria mediar este encontro com as crianças e os livros-imagem foi uma das das questões que precisei refletir para realizar o meu objetivo. O mediador é a pessoa que aproxima os dois sujeitos deste encontro: livro e leitor. Criar um ambiente acolhedor e estimulante também faz parte deste trabalho. Despertar o interesse, motivar e atizar a curiosidade são ações necessárias para que a aproximação se realize e frutifique.

Eu me questionava qual seria a melhor estratégia para apresentar os livros às crianças. Meu interesse era registrar as reações espontâneas das crianças, e, finalmente, escolhi uma forma simples e direta para fazer o contato das crianças com meu material de pesquisa: os livros-imagens. Optei por colocar os livros no chão a disposição das crianças e deixei que elas escolhessem os livros com total liberdade. Nos sentamos no chão e o meu papel seria observar, sem intervir, a não ser que a criança me solicitasse, eu não falaria nada. Eu me desloquei até as casas das crianças para fazer a pesquisa, porém em dois casos a pesquisa foi feita na Casa Tombada.

Inicialmente havia escolhido pesquisar crianças da faixa etária de cinco a sete anos. Tive dificuldade de encontrar crianças com este perfil. Ampliei os limites de idades e entrevistei crianças de cinco, seis, oito e uma adolescente de 14 anos de idade. A oportunidade de entrevistar uma adolescente surgiu num evento promovido pela Casa Tombada⁵, instituição onde realizei o curso de especialização que me levou a fazer esta pesquisa. A Casa Tombada é um local em São Paulo, no bairro de Perdizes, de encontros, de eventos, de cursos de especialização, e oficinas; todos eles voltados para arte, educação, literatura, contação de histórias, cultura popular e erudita. Entrevistar uma jovem de 14 anos foi uma grata

⁵ Site d'A Casa Tombada: www.acasatombada.com.br.

surpresa. Este encontro não foi diferente dos outros. Minha atuação com ela foi exatamente a mesma que tive com os outros. Convidei-a para a participar da pesquisa, ela se interessou e veio comigo para uma sala da Casa, onde eu havia colocado almofadas e os livros no chão. Acho importante ressaltar que A Casa Tombada é uma espaço muito acolhedor, muito bonito, muito bem cuidado, o que favorece os encontros. Observei-a e conversamos como eu havia feitos com as outras crianças, a diferença entre ela e as outras crianças se revelou no retorno que ela pode me oferecer. O diálogo que tivemos foi extremamente enriquecedor. Observar as reações das crianças e da jovem foi de igual interesse e valor para a pesquisa.

Com relação à mediação de leitura, parte importante deste meu processo, conheci o trabalho realizada pela pesquisadora Michele Petit em seu livro “Os Jovens e a leitura”, no qual ela narra uma intensa pesquisa realizada com jovens franceses oriundos de meios desfavorecidos e frequentadores de bibliotecas públicas na França. Ela pôde constatar que em situações onde não há estímulo à leitura em casa, a biblioteca e os mediadores presentes neste espaço tem o potencial de influenciar hábitos de leitura nestes jovens. A importância de um bom mediador que faça a ponte entre o público e os livros é vital, um apresentador de livros sensível ao seu publico é capaz de transformá-lo em leitor crítico. Em seu livro ela comenta:

A partir daí, compreendemos que o iniciador ao livro desempenha um papel-chave: quando um jovem vem de um meio em que predomina o medo do livro, um mediador pode autorizar, legitimar, um desejo inseguro de ler ou aprender, ou até mesmo revelar este desejo. E outros mediadores poderão em seguida acompanhar o leitor, em diferentes momentos de seu percurso. (PETIT, 2008 p. 178)

Entrevistei cinco crianças:

A primeira entrevista foi com Eduardo⁶. Eduardo tem oito anos, mora com os pais, tem três irmãos. Estuda em uma escola estadual, adora desenho animado e jogos de computador.

A segunda entrevistada foi a Aninha. Aninha tem cinco anos, estuda em uma escola municipal, vive com os pais e tem uma irmã mais nova de dois anos de idade. Faz balé e natação. Aninha tem vários livros infanto-juvenis em casa.

A terceira entrevista foi com dois irmãos Antonio e Lia. Antonio tem oito anos e Lia tem seis anos. Eles estudam em uma escola particular. Os pais são separados e eles vivem com a mãe. Lia faz ballet fora da escola. Eles tem uma outra irmã mais velha.

A quarta e última entrevista foi com a Claudia, que tem 14 anos. Estuda em uma escola estadual e faz curso de informática aplicada. Tem três irmãos, um mais novo e dois mais velhos do primeiro casamento da mãe. Gosta de esporte, gosta de jogar volei nos finais de semana quando vai ao clube.

Esta experiência me permitiu constatar que o conceito de leitura está atrelado a leitura de textos escritos e muito pouco se fala de leitura visual. Percebi que a grande preocupação das famílias com a aquisição da leitura da palavra escrita as afasta da leitura de imagem, e eu tenho a impressão que elas temem que a leitura de imagem possa atrapalhar o aprendizado da leitura textual.

A falta de contato das crianças que entrevistei com um livro-imagem me faz pensar que provavelmente nas bibliotecas escolares eles não se fazem tão presentes, ou são pouco acessados pelos professores, bibliotecários e alunos.

⁶ *Escolhi colocar nomes fictícios em meus entrevistados para preservar as identidades das crianças que participaram da pesquisa.

A qualidade da experiência que vivemos é resultante daquilo que permitimos que nos afete, que nos aconteça. Ir ao encontro de livros novos é se permitir encontrar novos mundos, é entrar no terreno do desconhecido e pode ser assustador para algumas pessoas. No entanto, esta experiência revelou-se ser prazerosa para mim e para os meus entrevistados. Para as crianças a novidade é um acontecimento cotidiano, elas estão sempre fazendo novas descobertas, quanto mais jovens a criança, mais a vida lhes apresenta novas descobertas diariamente. Para o pesquisador é a curiosidade que o guia voluntariamente por novos caminhos. As reações dos entrevistados aos livros apresentados e os seus comentários me faz pensar que algo significativo ocorreu durante a leitura.

Para falar sobre a pesquisa como uma experiência eu me apropriei do conceito desenvolvido pelo pensador Jorge Larrosa Bondia, que por sua vez cita uma definição de experiência do Pensador Heidegger em seu celebre ensaio "Notas sobre a experiência e o saber de experiência": "Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo". (ANO, p. 25).

Aninha, mesmo não sendo alfabetizada, logo notou que os livros que eu trouxe para ela não tinham palavras. Ela não se ateu a esta constatação e continuou a ler os livros. A mãe da Aninha também percebeu e comentou sobre a falta de texto. Aninha possui um livro imagem na sua coleção e que me foi mostrado no final da nossa entrevista.

Antonio comentou que sentiu falta do texto e me mostrou com orgulho o livro que acabara de ler que tinha bastante texto. Foi o entrevistado que demonstrou alguma dificuldade para decifrar uma imagem. Ele é um leitor de livros de textos escritos, e por isso acredito que sentiu mais falta das palavras do que as crianças que não tem o hábito da leitura. Ao entrar

em contato com os livros que eu coloquei a sua disposição não achou o texto. Foi preciso, para ele, lidar com uma mudança de hábito.

Ao final da entrevista, Eduardo comentou que gostou e que prefere ler livro-imagem do que ler livro com textos. Ele é um grande fã de desenho animado e de jogos de computador, e ainda adora desenhar. Acredito que Eduardo esteja mais familiarizado com a leitura de imagens do que com leitura de texto escrito, pela frequência com que assisti a desenhos animados e brinca com jogos no celular.

O Segundo livro escolhido pelo Antonio foi “DOIS PASSARINHOS” que ele leu com bastante atenção indo e voltando as páginas várias vezes. Ele me contou que demorou para entender o desenho dos pássaros, não conseguia identificar qual parte seria o corpo e qual seria o bico. Concluiu que eram tucanos pelo tamanho do bico.

Claudia não conhecia livro-imagem. Ficou surpresa ao perceber que os livros não tinham palavras e gostou da novidade. Sentiu necessidade de folhear todo o livro que pegou primeiro para em seguida ler atentamente imagem por imagem. Achou interessante e novidadeiro ser possível compreender a história só pelas imagens.

As crianças se sentem atraídas pelos livros, os livros são objetos sedutores aos olhos delas. Ao colocar os livros no chão a reação das crianças que eu entrevistei foi de curiosidade e interesse. Em algumas ocasiões eu pedi para as crianças esperarem um pouco para começar a leitura pois eu estava arrumando a câmera para a filmagem e as reações foram unânime: vai demorar muito?

Podemos imaginar que a presença de um adulto atento às leituras pode influenciar o modo e a intensidade com que as crianças leem os livros, mas não acredito que possa transformar não leitores em leitores em apenas uma visita. Será que

meu interesse por acompanhá-los estimulou o interesse deles pela leitura? Podemos supor que leitura tenha sido mais atenciosa por ter um adulto interessado junto? São perguntas que ficarão sem respostas pois não tenho meios para responder a estas questões que surgiram no decorrer das entrevistas. Estas questões fazem parte do processo de pesquisa e enriquecem o meu trabalho que consiste em observar a reação das crianças diante dos livros.

Aninha, a criança mais nova da pesquisa, estava ocupada desenhando e colorindo quando cheguei para entrevistá-la. Ela foi a única que reagiu negativamente ao meu convite. Não quis parar de desenhar, porém a mãe sugeriu que ela me mostrasse os seus livros e ela imediatamente se levantou da sua mesinha e correu para me mostrar. Ela me mostrou vários contando as histórias que conhecia. Em seguida eu mostrei os livros que eu tinha em mãos. Ela leu todos. Lemos sentadas no chão da sala, e quando terminava um livro me contava o que tinha visto sem eu solicitar.

Na casa dos irmãos Lia e Antonio escolhemos juntos que iríamos sentar no chão para a leitura, mas a Lia ficou pouquíssimo tempo no chão e foi logo se acomodar no sofá. Queria ler todos. Me perguntou se poderia ler em voz alta. Falei para ela ler da forma que mais gostasse. Muito atenta aos detalhes ela lia construindo elos entre as imagens, utilizando constantemente a expressão " aí depois ...", como recurso para construir uma narrativa.

Escolheu como primeiro livro a história em quadrinhos "Cómbita", leu toda a história. Quando terminou a leitura foi mostrar para mãe: olha só o livro que eu li, é super grande!

Claudia também escolheu o "Cómbita" para ler primeiro e interpretou a personagem principal como sendo um menino diferentemente das outras crianças.

Comentários da Claudia durante a entrevista "- ela é uma história por desenhos, né?"

“- tipo, eu olhei as imagens, tipo você prestando atenção na imagem você consegue tirar alguma coisa da sua cabeça ...”

“- se você olhar e consegue tirar uma coisa da imagem você escreve a história!”

Claudia descreve de maneira intuitiva e motivada pela experiência recém vivida uma ótima definição de leitura visual. Sendo uma adolescente ela possui um bom repertório de leituras e imediatamente adotou olhar treinado de leitor de textos, o olhar que caminha da esquerda para direita e de cima para baixo para realizar a leitura dos livros imagens. A professora Hanna comenta em sua tese de doutorado sobre este olhar que percorre as imagens.

Nomear o ato da varredura visual, o movimento ocular com vistas a identificação e interpretação dos códigos visuais como leitura corresponde a um modo mais abrangente de VER e compreender o mundo e seus objetos culturais. Outro termo não contempla a complexidade concernente a este ato, que está ligado à decodificação, mas, sobretudo, à interpretação desses códigos. (ARAUJO, 2016, p. 63)

Aninha ao ler a história “Cómbita”, provavelmente por ainda não ser alfabetizada, e ainda não ter o hábito do movimento do olhar do leitor treinado, escolhia aleatoriamente os quadrinhos para ler, subindo e descendo o olhar pela página várias vezes e me relatava o que via em cada quadro, quase que de forma independente. Havia uma coerência em seu relato. Ela sempre se referia a mesma menina, a mesma história, para mim, porém, o tempo ficou um pouco confuso, mas ela não demonstrou nenhuma preocupação com a sequência temporal. É uma história comprida, repleta de acontecimentos diferentes e portanto de mais difícil apreensão para uma criança pequena. Durante a leitura deste livro eu pedi para ela que me contasse o que estava lendo.

Neste percurso percebi que um mesmo livro será lido e interpretado de diferentes modos, segundo a idade, a personalidade, a experiência de vida e os interesses de cada leitor. “Cómbita” único livro lido por todos os entrevistados foi interpretado de forma diferente pelos diversos leitores. Para Claudia, a personagem título era um menino, e para os outros era uma menina. Antonio foi o que notou com mais precisão a presença de um determinado inseto na narrativa, personagem importante dentro da história. Este inseto foi percebido também pela Claudia, mas mais pela sua estranheza pois nós não sabemos classificá-lo, seria uma formiga? um besouro? Outras diferenças de interpretação apareceram na leitura deste livro. Antonio comentou que sua irmã havia cometido erros na leitura do livro, já que ele interpretou de forma diferente algumas passagens desta história. Alguns detalhes passaram despercebidos por alguns leitores e não por outros, e vice-versa.

Lemos juntas, eu e a Lia, sentadas no sofá “Onda”. Com o corpo Lia imitava os gestos da protagonista do livro quando não encontrava palavras para descrever o que fazia a personagem. Segundo ela os pássaros imitavam a menina o tempo todo, a onda grande era a onda mãe. Fez o som “chuá”, imitando a água, quando a água invade as duas páginas. Mostrou a língua quando a menina personagem o fez.

O segundo livro escolhida pela Claudia foi “Onda”. Ela interpretou o livro como sendo uma obra de superação. Quando terminou a leitura me contou como conseguiu superar medo de tomar injeção, de como era medrosa quando era pequena, e como seu pai a ajudou a superar os medos.

Nenhum leitor comentou sobre as imagens estarem propositadamente separadas pela dobra de página no livro “Onda”, um recurso brilhantemente utilizada pela autora nesta obra.

Ao final das entrevistas perguntei a eles qual livro eles tinham gostado mais. A maioria escolheu o primeiro livro que leram.

Em seguida perguntei às crianças se elas gostariam de fazer um desenho. Não passei nenhuma orientação para elas, apenas ofereci o material: papel sulfite A4 e um estojo de canetas hidrocor coloridas. Repeti propositadamente a mesma postura que tive diante dos livros. Sou arte educadora e tenho o hábito de pedir aos alunos que coloquem um título em suas obras, é uma estratégia que utilizo para iniciar uma conversa sobre o que realizaram. Decidi não perguntar à Claudia se ela queria fazer um desenho por dois motivos. Primeiro porque a sala que ocupamos durante a entrevista precisava ser liberada para ser usado por outras pessoas no evento do qual participávamos. E porque no final da nossa conversa havia várias crianças pequenas na sala e eu não poderia oferecer o material de desenho apenas para ela.

Como eu ofereci o material de desenho após ter perguntado a eles qual livro eles tinham gostado mais, acredito que isto possa ter influenciado os desenhos. Antonio desenhou o jogo de computador que gosta mais e Eduardo o personagem de desenho animado que prefere. As meninas fizeram desenhos de flores e jardins e me presentearam com os desenhos.

A proximidade cotidiana das crianças com o chão e o conforto que sentimos ao nos sentarmos, foi o que me levou a propor que as leituras fossem realizadas nesta altura. Nós, os adultos, nos afastamos aos poucos desta dimensão e perdemos o contato com este chão, com a nossa base. Para crianças estar no chão é natural. Como pesquisadora e observadora prestei também atenção na postura corporal das crianças leitoras. Em praticamente todas as ocasiões lemos sentados no chão, porém nem sempre do mesmo modo. As posições variaram entre: sentado no chão com as pernas meio

cruzadas, ou meio esticadas, com o livro no chão. Sentado sobre uma almofada no chão com o livro no chão. Sentado no chão apoiando o livro de pé no sofá para que ele fique na posição vertical. Sentado sobre uma almofada no chão com o livro apoiado sobre as coxas. Apenas uma das entrevistadas preferiu ficar sentada no sofá com os joelhos dobrados para cima para apoiar o livro sobre as coxas. Posições que nos levam a pensar no conforto que elas proporcionam e na liberdade corporal que elas oferecem.

O modo como as crianças se colocavam corporalmente diante dos livros, para ler os livros, foi algo que me marcou. São imagens presentes em minha memória visual das entrevistas. Este corpo a vontade no chão diz provavelmente algo sobre a leitura. Nos conta que a leitura é um momento prazeroso e que desperta o interesse das crianças a ponto de deixá-las confortáveis, ou que as leva a procurar naturalmente uma postura confortável para permitir que a leitura se faça sem contratempos.

Todos os entrevistados se recusaram a ler o livro “desenhos invisíveis”, de Troche, um livro de charges visuais, único livro não infanto-juvenil que apresentei às crianças. Todas justificaram a recusa dizendo que o livro era muito grosso. Este livro não despertou o interesse das crianças, mesmo quando eu expliquei que as páginas eram independentes e que poderíamos ver apenas algumas imagens.

Este livro tem um formato retangular, sendo a altura maior que a largura. É preto branco e cinza, tem 160 páginas e lembra um livro de leitura que os adultos costumam ler. Acredito que o aspecto visual do livro, o formato retangular, a lombada grossa, a quantidade de páginas pode ter levado as crianças a não se interessarem por ele. “O livro ilustrado contemporâneo (conhecido também como álbum ilustrado) tem em contraste com o livro clássico uma maior

interdependência entre as partes visuais, táteis e literárias na construção da obra.” (MORAES, 2013, p. 161). A afirmação do Odilon Moraes, autor consagrado e estudioso da literatura para crianças pode nos ajudar a elucidar o motivo pelo qual as crianças não se sentiram atraídas pelo livro de charges. “desenho invisíveis” é um livro clássico no sentido de uma concepção tradicional, onde as páginas tem fundamentalmente a função de suporte de imagens, que são independentes entre si, formando uma coleção de imagens, e não percebemos uma preocupação mais acentuada no livro como um objeto estético em si. Os livros feitos atualmente para as crianças alcançaram um patamar de inventividade, de criatividade que os tornaram objetos de apreciação estética de alto nível, o que os tornam visualmente muito sedutores.

5 CONCLUSÃO

... existe uma realidade magnífica, extremamente bela e sedutora, e diante desta realidade você se apaixonou por ela e quando você está apaixonado mesmo, você tem que desenvolver uma atitude compatível com seu amor. Você se apaixonou devido a estética, acima de tudo a estética, e a atitude compatível com seu amor é a ética. Depois que você passa pela estética e pela ética, aí você está preparado para conhecer. Todo o resto vem depois, a filosofia, arte, ciência ...

Nesta pesquisa procurei investigar um modo de apreensão estética na infância, procurei desvendar como as crianças apreciam uma obra de arte destinada a elas. Os livros para crianças são feitos especialmente para o público infanto-juvenil, mas não exclusivamente para elas. São provavelmente o primeiro contato que elas terão com obras de arte. Os livros são obras que podemos pegar com as mãos, são as obras de arte mais democráticas que existem.

A beleza está presente em todo universo; o belo é parte da natureza, da natureza humana. As crianças são atraídas pelas cores, pelos cheiros, pelas texturas, e desfrutam com todos seus sentidos despertos da experiência da vida.

Os livros condensam em suas páginas uma experiência enriquecida de poéticas visuais, literárias, sonoras e táteis. Os livros conduzem o leitor em viagens no tempo, no espaço, no amplo universo de mundos imaginários. Os livros-imagens selecionados para a pesquisa trazem para nós múltiplos universos em uma linguagem puramente visual. As palavras não estão presentes fisicamente nas narrativas mas surgem na leitura, como aparecem também movimentos corporais e gestos interpretativos.

É uma experiência estética muito prazerosa observar as crianças lendo os livros, se encantando com as histórias, questionando as histórias. A escolha dos livros foi também um momento prazeroso. Conseguir crianças para a pesquisa foi a parte mais difícil.

A filmagem que fiz das crianças em ação foram pouco eficazes. Seria preciso ter uma câmera com mais recurso para aproximar do rosto delas e registrar suas impressões suas reações durante a leitura.

Fiz uma pesquisa pequena, uma pesquisa de escuta. Conversei com apenas cinco crianças. Escutar as crianças é de extrema importância para nós que já fomos no passado o que elas são hoje. Procurar entender o que pensam, como pensam, o que sentem e percebem. É urgente ter olhos para vê-las, ouvidos para ouvi-las em sua totalidade.

Precisamos ser mais cuidadosos com a vida que existe, que resiste e se perpetua. Precisamos ter mais cuidado com as crianças, com os seres vivos, com a terra, com as pessoas. Cuidar é ouvir, ter atenção, ter intenção. Ler é também ouvir, é abrir-se para o outro.

A leitura é muito comentada por todos, porém ainda pouco praticada. Para um grande número de pessoas ler é algo nobre, nada plebeu e até um pouco suspeito. É comum vermos pessoas leitoras sendo admiradas e apontadas como seres especiais. Não deveria ser, nem precisaria ser deste modo. Para aqueles que conseguem romper esta barreira social e cultural, ler é divertido e muito emocionante.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Jorge Vieira de, in *audio de Palestra Proferida no DESABA Evento de Dança*, Auditório do Planetário do Parque Ibirapuera, São Paulo, 28/11/2008

ARAUJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira de. *Processos de Criação e Leitura de Livros de Imagem, Interloquções Possíveis entre Artistas e Crianças*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2016

FELTRE, Camila. *É um livro? Mediações e Leituras Possíveis*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2017

LAGO, Angela. in *Sobre a Autora, João felizardo, o Rei dos Negócios*. São Paulo, Cosac Naify, 2º ed., 2010

LARROSA, JORGE. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista de educação n. 19, p.117-130, 2002

LEE, Suzy. *A Trilogia da Margem, O livro-imagem segundo Suzy Lee*. São Paulo, Cosac Naify, 2012

LINDEN, Sophie Van der. *Para Ler o Livro Ilustrado*. São Paulo, Cosac Naify, 2011

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa Algazarra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2011

MORAES, Odilon. O Livro como objeto e a literatura infantil in: DERDYK, Edith. *Entre Ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002

MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUASSÚ, Maurício. *Traço e Prosa, entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura, uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Educação e Imaginário, Introdução a uma Filosofia do Imaginário Educacional*. São Paulo, Cortez Editora, 2006

7 ANEXOS: ENTREVISTAS

19-10-19

Eduardo

Fui hoje a tarde me encontrar com o Eduardo, meu primeiro entrevistado. Ele já sabia que eu iria conversar com ele e me esperava ansiosamente. Fomos para uma sala vazia. Pegamos duas almofadas e nos sentamos. Coloquei os livros na

nossa frente no chão e falei para ele escolher um para olhar. Ele escolheu “DOIS PÁSSARINHOS”. Leu rapidamente, comentou que não tinha palavras, ao que eu respondi dizendo que nenhum dos livros teriam palavras, eram história contadas com imagens. Ele leu todos com muita facilidade e rapidez. Não demonstrou nenhuma dificuldade e tampouco teve alguma dúvida. Ficou com preguiça de ler o livro que tinha mais páginas, que é um livro de charges, e não é um livro para criança. Ao final perguntei se ele queria desenhar, ele aceitou prontamente e fez um personagem de um desenho animado que ele gosta muito: Goku

Ao final perguntei se sentia falta das palavras nos livros, ele me respondeu que assim sem palavras era mais rápido para ler, e que não sentia falta das palavras.

Eduardo adora desenho animado e jogos de computador que fazem muito uso da linguagem de animação,

21-10-19

Aninha

Estive ontem a tarde na casa da Aninha. Quando cheguei ela estava desenhando/colorindo, que segundo a mãe é a atividade que ela mais gosta de fazer. Quando a convidei para conversar ela não quis, então a mãe propôs que ela me mostrasse os seus livros. Ela se animou e me mostrou vários, contando as histórias dos livros. Com muita animação me mostrou o livro do Tiranossauro T-Veg, um super-herói que ama cenouras e não come carne. Aninha é vegetariana como o pai, e a mãe é vegana. Em seguida eu apresentei os meus. Sentamos no chão e ela foi rapidamente pegando os livros para olhar. A mãe notou e logo comentou que os livros não tinham texto. Depois de olharmos todos os livros que eu trouxe, a

mãe nos mostrou um livro imagem que Aninha tinha em casa “Uma criança única”, de Guojing, editora V&R. Quando Aninha terminava de olhar um livro me contava o que tinha visto sem eu pedir. Acompanhou as histórias com muita facilidade e rapidez, pulava alguns detalhes. Ela também não quis ver o livro de charges para adultos, pois achou grande demais. Quando estava olhando o livro “Cómbita” pedi que a ela fosse me contando o que via nas imagens. Este livro é uma história em quadrinhos e ela fez a leitura sem seguir rigidamente a sequência de leitura de textos, da esquerda para direita, de cima para baixo; escolhia os quadrinhos e interpretava as imagens. Perguntei se havia um livro que ela havia gostado mais. Ela escolheu “Onda”

Perguntei se queria desenhar. Ela me respondeu que sim. Passei o material que tinha: canetas hidrográficas e folha de sulfite A4. Ela voltou para mesa e começou a colorir de novo o livro com a canetas hidrográficas que eu ofereci. Solicitei que fizesse um desenho dela. Ela me disse que faria depois. Continuei conversando com a mãe, passado um tempo eu ganhei de presente o desenho: jardim das flores.”

7-11-19

Lia

“Escolhemos ficar no chão, mas logo em seguida a Lia foi se acomodar no sofá. Quiz ler todos os livros.

Assim que olhou os livros reparou que eles não tinham palavras para ler. Mostrou-se decepcionada, e comentou que não tinha com o que inventar, ela comentou “- queria que tivesse letra para eu inventar”. Acredito que essa sua reação seja consequência do método de alfabetização utilizado na escola, onde as crianças são convidadas a construir hipóteses de

leitura. A decepção durou apenas um minuto. Lia, durante a leitura solicitou bastante minha atenção.

Me perguntou se poderia ler falando. Eu respondi para ela ler da forma que mais gostasse. Ela leu todos em voz alta. Descrevia as imagens em voz alta, construindo elos entre elas utilizando constantemente a expressão: - aí depois ..., como recurso para construir uma narrativa.

Escolheu como primeiro livro a história em quadrinhos "Cómbita", leu toda a história. quando terminou foi mostrar para mãe: "- olha só o livro que eu li, é super grande! "

Segundo livro – "DOIS PASSARINHOS", indicado pelo irmão, que ao terminar de ler o livro comentou que a irmã iria gostar.

Em seguida lemos juntas "Lobo Negro". Lia as imagens de forma independente usando a expressão "aí depois" para fazer a ligação entre elas. Não demonstrou preocupação com a coerência: o lobo ataca o menino e na página seguinte estão abraçados.

Por último lemos juntas "Onda". Com o corpo imitava os gestos da protagonista do livro quando não encontrava palavras para descrever o que fazia a personagem. Segundo ela os pássaros imitavam a menina o tempo todo, a onda grande era a onda mãe. Fez o som "chuí", de água, quando a água invade as duas páginas. Mostrou a língua quando a menina o fez.

Não souber escolher qual livro gostou mais.

Fez um desenho com muitos detalhes e muito colorido. Desenhou flores em que cada pétala era de uma cor diferente tomando cuidado para não repetir a cor e me pediu para ajudar a colorir. Me levou para conhecer toda a casa e não queria

que eu fosse embora; me convidou para voltar. Primeiro disse que daria o desenho para a mãe, mas ao final decidiu me dar o desenho de presente.

Antonio

Ficou sentado no chão apoiando livro contra o sofá.

Escolheu para ler primeiro "A BUSCA DO CAVALEIRO", pois gosta de dragões e cavaleiros.

Fez uma Leitura silenciosa e atenta, indo e voltando as páginas. Este foi o livro que mais gostou de ler.

O Segundo livro foi "DOIS PASSARINHOS", que leu com bastante atenção indo e voltando as páginas várias vezes. Ficou bastante tempo analisando as imagens. Depois me contou que demorou para entender o desenho dos pássaros, não conseguia identificar qual parte seria o corpo e qual seria o bico. Conclui que eram tucanos pelo tamanho do bico."

Terceiro livro: "Cómbita", que a irmã lia e narrava em voz alta. Ele ficou esperando a irmã acabar. Não quis ler mas nenhum livro. Leu com atenção e interesse e comentou que a irmã havia feito alguns erros de interpretação. Comentei que ela era mais nova e nós não iríamos disputar quem lê melhor, pois não era nosso objetivo. É uma história em quadrinhos com uma narrativa mais longa. Quando terminou a leitura narrou a história me mostrando algumas imagens.

Em seguida perguntou se poderia brincar. Perguntei se não tinha mais um livro que ele gostaria de ler, ele me disse que não.

Perguntei se ele prefere ler histórias narradas com imagens ou com texto. Ele respondeu imediatamente que é bem mais fácil ler histórias com texto e que ele gosta mais.

Fez um desenho do jogo de computador que ele mais gosta."

7-12-19

Claudia

Esta entrevista teve um caráter diferente das anteriores. Estávamos em um evento público quando nos conhecemos e perguntei a ela se gostaria de participar desta pesquisa. Fomos a uma das salas da casa preparada para a entrevista, onde havia almofadas e os livros no chão. Uma câmera estava pronta para nos filmar. Durante a entrevista várias pessoas entraram na sala e interagiram conosco. Procurei manter meu foco, minha atenção nas ações da Claudia.

Ela não conhecia livros-imagens. Ficou surpresa ao perceber que os livros não tinham palavras e gostou da novidade. Sentiu necessidade de folhear todo o livro que pegou primeiro, "Cómbita", para em seguida ler atentamente imagem por imagem. Achou interessante e novidadeiro ser possível compreender a história só pelas imagens. A personagem título do livro para ela era um menino.

O livro "Onda" foi o segundo que escolheu.

Logo em seguida entra na sala uma menina pequena, de três ou quatro anos, com seu avô. Ela senta em uma almofada ao lado da Claudia e leem juntas o livro "Lobo Negro". Claudia direciona sua leitura para a pequena que acaba de chegar, que se impressiona com a figura do lobo. As imagens são em preto e branco o que a leva Claudia a interpretar que a história se passa anoite.

Elas pegam em seguida "BÁRBARO" fazem uma rápida leitura, nada atenciosa e mudam de novo de livro. A entrevista acaba neste momento.